

JAZZ

2 MARÇO 2018

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# Carlos Bica Daniel Erdmann DJ Illvibe

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Contrabaixo Carlos Bica Saxofone tenor e soprano Daniel Erdmann Gira-Discos DJ Illvibe  
Apoio Goethe-Institut

Sex 2 de março  
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h · M6

## O tempo da travessia

Em 1952, numa conferência em Dublin, o físico Erwin Schrödinger colocou a hipótese de que o universo em que vivemos é apenas um de muitos no multiverso. A partir de então, um grande número de cientistas vem especulando sobre o que caracteriza este multiverso, conscientes de que é impossível comprovar empiricamente a teoria. A ideia de que existem universos paralelos vem, no entanto, inspirando um largo número de práticas nos domínios da arte.

No específico da música, esta estreia na Culturgest de um novo projeto envolvendo Carlos Bica, Daniel Erdmann e DJ Illvibe é uma de várias expressões dessa noção. Explica o músico português: «Desde há muito que me fascina a existência de várias dimensões na música, e neste grupo essas diferentes camadas de leitura estarão mais presentes do que nunca.»

Para já, e porque está ciente de que «a “criança” ainda não nasceu» (isso só acontecerá quando subirem ao palco), Bica apenas consegue antecipar que «tudo pode acontecer». A formação instrumental de saxofone tenor, contrabaixo e gira-discos é, tanto quanto sabemos, inédita, e logo por esse motivo «as expectativas são grandes». E assim como, nesta matéria, a física tem entrado pelos domínios da filosofia, nada há, nem podia haver, de científico nos conceitos que sustentam a música que vamos ouvir. Apesar de partilharem algumas características (a linguagem jazzística como base dos respetivos cursos, o gosto pela improvisação, a ati-

tude de nada excluírem dos parâmetros musicais, cobrindo o espectro que vai da melodia ao ruído e do fraseado convencional à construção de texturas), os três músicos têm personalidades distintas. É certo que, no passado, Carlos Bica contou com a colaboração de Vincent von Schlippenbach (DJ Illvibe, filho do pianista com o mesmo apelido, um dos precursores do free jazz na Alemanha) num dos discos dos seus Azul (*Believer*, 2006), mas a parceria com Daniel Erdmann era algo de que não se estava à espera – até pelo referente político que parece inspirar formações do, ou com o, saxofonista como Das Kapital, Lenina ou Velvet Revolution, inexistente nas iniciativas do contrabaixista.

«As colaborações com outros músicos surgem sempre na minha vida como que por magia, fruto da mais pura intuição, levando-me a acreditar que encontrei os músicos com quem posso ser eu mesmo. Este trio teve um início casual. Há um ano, o Daniel e eu fizemos uma troca dos nossos mais recentes trabalhos discográficos. Depois de os ouvirmos, verificámos que até tínhamos muito em comum. Daí nasceu a vontade de trabalharmos em conjunto. Fizemos uma série de sessões improvisadas e adorámos o resultado. Eu já conhecia o Erdmann há muito, dos tempos em que ele vivia em Berlim, mas nunca tocáramos juntos. Imagino este trio como três vértices de um triângulo», informa o seu líder. As composições são de Carlos Bica e Daniel Erdmann, em todos os casos «jogando com o fator improvisação». «Haverá música que foi escrita propositalmente para este grupo, mas também

haverá muita música integralmente improvisada. Revisitaremos ainda algumas peças antigas, mas dando-lhes um novo tratamento», ficamos a saber.

Este investimento surge num período em que vemos Bica a multiplicar-se em iniciativas, como o Move String Quartet, o Berlinesk Quartet e associações com André Santos, João Mortágua e Luís Figueiredo: «A vida é feita de fluxos de energia, e como qualquer ser humano o músico tem fases de repouso e de introspeção e outras mais ativas. Neste momento sinto a necessidade de pôr cá para fora as minhas fantasias musicais. Os parceiros vão surgindo naturalmente. Para que haja grande música não é suficiente uma banda com bons instrumentistas – ambiciono contar com músicos que sejam parte integrante da personalidade do grupo, tornando-se assim em peças fundamentais para o som do mesmo. No fundo, o papel de qualquer músico é levar o público a acreditar. A música é a única que tem de sair vencedora. Apesar de não ser uma necessidade absoluta, a vontade de me reinventar enquanto criador sempre foi uma constante. Adoro o elemento surpresa e detesto a rotina. Fernando Pessoa disse-o muito bem: “Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”»

Esta é mais uma fórmula daquilo a que, por falta de melhor termo, se vai

chamando “jazz europeu”, e Carlos Bica tem uma percepção clara do que significa: «O jazz europeu conseguiu desde há muito atrair um público que o jazz americano até à data não tinha conquistado, e o facto de as fronteiras musicais da corrente serem nos dias de hoje praticamente inexistentes traz a aproximação de um público muito mais vasto. Não faz qualquer sentido pensar atualmente no jazz como sendo uma música que vem da América. Esta é uma espécie de *world music* no sentido mais vasto da palavra e da qual fazem parte as mais diversificadas linguagens musicais. Mas mais importante do que essa globalização é o facto de os artistas fazerem com que surjam sonoridades que nunca tinham sido ouvidas.» O que passa, inevitavelmente, por reequacionar as clássicas divisões entre *mainstream* e vanguarda, pois o que se tencionava não cabe nos parâmetros de um ou da outra. «É completamente errado designar determinada música como “vanguarda” pelo simples facto de esta ser atonal ou de não existir uma pulsação rítmica regular. Isso já foi feito há décadas. Quando eu ou os meus colegas fazemos música ninguém pensa no rótulo que essa música poderá ter. Todos nós ouvimos como músicos de jazz, mas a liberdade é total para seguirmos o que a música pede. Para mim, essa é a melhor definição do que é hoje o jazz», argumenta Bica.

O multiverso musical que ora se apresenta vai ser gravado ao vivo e no dia seguinte ao do concerto os seus três proponentes voltarão ao auditório da Culturgest para gravar mais temas,

«de modo a garantir a existência de material suficiente que permita a edição de um álbum». Assim, no imediato da estreia, o projeto constrói as premissas do seu futuro. Este «está em aberto», pelo que adiantar mais seria tão especulativo quanto enunciar as possíveis dimensões do multiverso de Schrödinger. O primeiro passo na direção desse futuro faz-se, em consequência, com um desejo, o de que «esta noite seja de inspiração». Cá estamos nós para participar nesse momento de travessia, o que é muito mais do que assistir a uma performance. O ambiente de uma sala é da audiência que emana, e estará com certeza cheio de energias positivas. Podemos, inclusive, imaginar que se providenciará algum choque multidimensional, com as realidades paralelas a sobreporem-se, como placas tectónicas, só porque o som tudo pode na sua relação com o mundo material...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

## Carlos Bica

---

Um dos poucos músicos portugueses que alcançou projeção internacional, tendo-se tornado uma referência no panorama do jazz europeu.

Entre os vários projetos musicais que lidera – e para além das suas colaborações com teatro, cinema e dança –, o trio Azul, com o guitarrista Frank Möbus e o baterista Jim Black, tornou-se na imagem de marca do contrabaixista e compositor.

A crítica costuma salientar a forma como na música de Carlos Bica se interpenetram referências de diferentes universos, da música erudita contemporânea à folk, ao rock, ao jazz e às músicas improvisadas. Aprendeu a tocar contrabaixo na Academia dos Amadores de Música, tendo finalizado os seus estudos superiores de música na Musikhochschule Würzburg como bolseiro do DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst). Foi membro da Orquestra de Câmara de Lisboa, assim como de diversas orquestras de câmara alemãs, tais como a Bach Kammerorchester e a Wernecker Kammerorchester.

Fez muita música improvisada, durante anos tocou com Maria João, trabalhou e gravou na área da música popular portuguesa com Carlos do Carmo, José Mário Branco, Camané, Cristina Branco, Janita Salomé e participou em inúmeros festivais de jazz internacionais em colaboração com músicos como Kenny Wheeler, Ray Anderson, Aki Takase, Alexander von Schlippenbach, Lee Konitz, Mário

Laginha, Albert Mangelsdorf, Paolo Fresu, Markus Stockhausen, António Pinho Vargas, John Ruocco, John Zorn, Matthias Schubert, João Paulo Esteves da Silva, Claudio Puntin, Joel Frahm, Gebhard Ullmann, Kurt Rosenwinkel, entre outros.

Em finais de 1995 gravou o seu primeiro álbum *Azul*, juntamente com o guitarrista Frank Möbus e o baterista Jim Black, que também conta com a participação do trombonista Ray Anderson e da cantora Maria João. Com *Azul*, Carlos Bica afirma-se não só como músico inovador no seu instrumento mas também revela as suas qualidades como compositor.

A necessidade de projetar na música as vivências do seu percurso musical e o enorme fascínio pelo som da voz e dos instrumentos de arco, levou-o até ao projeto *Diz* que teve a sua estreia no Festival dos Cem Dias / Expo 98 e à edição em disco em 2001 (Prémio de Melhor Disco do Ano da Antena 1 / Cinco Minutos de Jazz).

Em 2005, edita *Single*, o seu primeiro álbum de contrabaixo solo, onde músico e instrumento se encontram a sós e onde Bica revela o seu lado musical mais íntimo. Na digressão que fez em Portugal de promoção desse disco, teve como convidados alguns dos seus amigos e músicos favoritos: João Paulo Esteves da Silva, Jesse Chandler, Sam the Kid, Kalaf, Alexandre Soares, Jorge Coelho, DJ IllVibe, Matthias Schubert, Kalle Kalima e Ana Brandão.

Depois da sua participação em inúmeros projetos nacionais e internacionais em diferentes áreas artísticas,

nasce em 2008 o projeto Matéria-Prima, onde participam o pianista João Paulo e o guitarrista Mário Delgado, Matthias Schrieff no trompete e João Lobo na bateria. Carlos Bica foi distinguido como o Prémio Carlos Paredes 2011, pelo álbum *Matéria-Prima*.

Em 2016, passados 20 anos desde a edição do seu primeiro álbum, Bica volta a reunir em estúdio os seus companheiros de longa data para gravar *More Than This*, o sexto álbum do trio Azul. O júri constituído pelos mais relevantes críticos portugueses de jazz, elegeu Carlos Bica como músico do ano e o seu novo álbum *More Than This* como o melhor álbum de jazz do ano de 2016. No âmbito da primeira edição dos Prémios RTP / Festa do Jazz 2017, o grupo Carlos Bica & Azul foi eleito vencedor na categoria Prémio Grupo do Ano.

## Daniel Erdmann

---

Nascido em Wolfsburg (Alemanha) em 1973, Daniel Erdmann toca saxofone desde 1983. Estudou entre 1994 a 1999 na Hochschule für Musik Hanns Eisler em Berlim e, em 2001, recebeu uma bolsa da Fundação de Cooperação Cultural Franco-Alemão. Desde então desdobra-se entre Paris e Berlim.

Daniel tem atuado por todo o mundo, incluindo em festivais de música internacionais em Berlim, Paris, Nova Iorque, Lisboa, Roterdão, entre outros, e participado em várias gravações. Gravou em nome próprio pela Enja Records, ACT e Intakt. É cofundador e membro do grupo Das Kapital. Erdmann trabalhou com Aki Takase, Ed Schuller, John Schröder, Linda Sharrock, Joachim Kühn, Yves Robert, Conny Bauer, Gebhard Ullmann, Vincent Courtois, André Minvielle, Louis Sclavis, Heinz Sauer, Frank Möbus, Herb Robertson, Tony Buck, Axel Dörner, John Betsch, Rudi Mahall, Pierre Dörge, Joe Williamson, Hans Hassler, Hasse Poulsen, Peter Kowald, Paul Brody, Chris Dahlgren e muitos outros.

Em março de 2007, Gerard Rouy da revista francesa *Jazz Magazine* escreveu: “Daniel Erdmann é um dos músicos mais inventivos da cena internacional”.

## DJ Illvibe

---

DJ Illvibe, de nome civil Vincent von Schlippenbach, nasceu em Berlim em 1980 e é filho do pianista de free jazz Alexander von Schlippenbach. Tendo aprendido a tocar diversos instrumentos desde a sua infância, Illvibe começou-se a interessar aos 14 anos pelo mundo de DJ. Como DJ de hip-hop, aprendeu como se podem fazer os discos dançar mas rapidamente constatou que queria retirar mais desses discos do que sofisticados truques de *scratching*. Bem mais lhe interessava o que estava dentro do disco. Como produtor descobriu as possibilidades do *sampling* e assim as foi explorando cada vez mais nos seus inúmeros projetos musicais. Subiu ao palco com Lychee Lassi mas também com LOK3, Carlos Bica & Azul, Paul Lovens, Tony Buck, Christopher Rumble, Aki Takase para improvisar ao vivo com eles, enquanto paralelamente produzia *beats* para a sua *crew* de hip-hop Moabeat e o dancehall coletivo berlinense SEEED.

Juntamente com David Conen e Dirk Berger, DJ Illvibe criou em 2017 o trio de produtores The Krauts que desde o seu início produziram diversos *hits* com Miss Platnum, Peter Fox e Matéria. Também aqui os The Krauts se destacam rompendo com estruturas elementares da música urbana tais como o hip-hop, R&B, blues e soul, combinando-as com o seu experimentalismo. Por isso ainda hoje o *sampling* é a base do trabalho de DJ Illvibe, mesmo se no fim do processo de trabalho já nada tenha que ver com um determinado

fragmento de som. “Por vezes o *sample* é só uma inspiração à volta da qual está construída uma música inteira” assim explica Illvibe, acrescentando “e às vezes no final acabamos por deitar simplesmente o *sample* fora e já só usamos aquilo que nós próprios tocámos”.

Continuam a ser os ruídos incomuns que ele busca nos seus discos e que constituem a fundação da sua criação musical.

Seja como produtor no mundo da pop, como DJ Illvibe no hip-hop ou nos projetos de free jazz assim como criador de cascatas de sons abstratos, que cria para o projeto de rap transcendente dos Taktloss e do seu semelhante Real Geizt, Illvibe é um mágico de sons.

# Oy Division

© Georges Braunschweig



**Música** Qui 15 de março

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6

O gemido do violino, a lamentação do clarinete, o ritmo do acordeão, os gritos em iídiche e russo das vozes, revelam a impossibilidade de determinar se esta música é tragicamente feliz ou tristemente burlesca. Facto é que, quando tocam ao vivo, é difícil ficar sentado.

# Hang Em High

Tres Testosterones

Ciclo "Jazz +351"

Comissário: Pedro Costa

© Lukas Hammerle



**Jazz** Sáb 17 de março

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6

O que este trio transnacional apresenta tem sido designado como power jazz mas este rótulo não indica tudo – um misto de free jazz melódico com punk, ambientalismo eletrónico, uma dose q.b. de Americana e algum rock progressivo.

## Conselho Diretivo

### Presidente

Paulo Moita de Macedo

### Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

### Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate  
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro  
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança  
temporada 2017-2018)

### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos  
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

### Direção de Produção

Margarida Mota

### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

### Exposições

### Coordenação de Produção

Mário Valente

### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

### Culturgest Porto

Susana Sameiro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

### Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona  
(coordenadora)

Patricia Blázquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira  
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

### Direção Técnica

José Rui Silva

### Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

### Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

## Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

## Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

## Técnico de palco

Vasco Branco

## Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

## Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

## Receção

Sofia Fernandes

## Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

## Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de  
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,  
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55  
[www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---